

## **DAS FÁBULAS DE ESOPPO**

Esopo, um dos escritores gregos mais antigos que se conhecem, é o criador de um gênero imortal, a fábula ou apólogo, historieta de caráter alegórico e moralizante, cujas personagens são geralmente animais. Várias lendas e traços anedóticos a tradição nos legou a respeito do fabulista, mas quase nenhum dado concreto. Já no século V a.C., Heródoto<sup>19</sup> o menciona como figura muito conhecida, e por um diálogo de Platão sabemos que os contemporâneos deste apreciavam muito as fábulas de Esopo, algumas das quais o próprio Sócrates pôs em verso.

Ao que parece, nem todas as fábulas esópicas são de Esopo. Atribuía-lhe os antigos numerosas historietas e ditos espirituosos cujo autor não conheciam; assim, muitas das fábulas são, no dizer de Alfred Croiset, tão antigas quanto a própria raça grega; outras, mais antigas ainda; e algumas podem ter vindo do Oriente ou do Egito. Assim como assim, a forma atual das fábulas é bem posterior a Esopo; é a que lhes foi dada na idade média por um monge bizantino pouco artista. De fato, o fino sorriso da Grécia mal transparece no enredo das fábulas a cuja fama e estilo faltam os encantos do espírito ático.

Como o atual conceito de fábula supõe a forma mais versificada, este gênero em princípio deveria ficar à margem da nossa antologia, na qual sistematicamente omitimos as composições em verso. No entanto, embora a grande maioria dos imitadores de Esopo (Bábrio entre os gregos, Fedro entre os romanos, o francês La Fontaine e os espanhóis Iriarte e Samaniego entre os modernos) tenham preferido o verso, certo é que a variante conservada das fábulas esópicas esta escrita em prosa, e provavelmente a antiga o estaria também, como se pode concluir do referido informe de Platão. Por outro lado, o apólogo é, certamente, um dos antecessores do conto, e assim merece lugar numa obra que pretende acompanhar a evolução desse gênero literário.

A mesma vida de Esopo é um tecido de fábulas e lendas, deliciosamente relatadas por La Fontaine no preâmbulo de suas próprias fábulas, e que sentimos não poder reproduzir aqui. A tradição pinta-o como um escravo aleijado, mísero e feio, cujas imperfeições físicas eram, porém, compensadas pelos dotes do espírito. Para ele as fábulas constituíam a única arma: por meio de suas alusões defendia-se dos inimigos e ao mesmo tempo os agredia. Depois de Esopo, diversos imitadores seus utilizaram a fábula para satirizar os contemporâneos; assim La Fontaine, contando as histórias do leão e sua corte, divertia os leitores à custa de Luís XIV e de seus cortesãos.<sup>20</sup>

### **A RAPOSA**

Havendo uma raposa penetrado na casa de um ator, ao examinar, interessada, os objetos deste, viu, entre outros, uma máscara de teatro,<sup>21</sup> engenhosamente feita. Revirou-a com as mãos e exclamou:

— Que bela cabeça! É pena faltar-lhe o cérebro!

Moralidade: Dirige-se esta fábula às pessoas magníficas de corpo, mas fracas de espírito.

### **A DONINHA**

Entrou uma doninha na oficina de um ferreiro e pôs-se a lamber por todos os lados uma lima deixada ali. Nisto arranhou a língua, que principiou a sangrar abundantemente. Pensando fosse o ferro que vertia sangue, continuou alegre a sua tarefa, e acabou inutilizando a língua toda.

Moralidade: Dirige-se esta fábula contra aqueles que, em sua paixão da briga, se ferem a si mesmos.

### **O MACACO E O DELFIM**

Sendo costume dos marinheiros levarem consigo, para diversão ao tédio da travessia, macacos e cachorrinhos de Méliá, certa vez um viajante também levou um macaco. Mas, em chegando o navio ao cabo Súnio, o promontório da Ática, foi acometido por furiosa tempestade, e em breve se

afundou. Todos os tripulantes procuraram salvar-se, nadando; o macaco fez o mesmo. Um delfim, que o viu, tomando-o por um homem, carregou-o às costas e transportou-o para terra firme. Chegando à vista do Pireu, o porto de Atenas, perguntou ao macaco se era filho daquela cidade. O macaco respondeu que sim, e acrescentou que pertencia a uma família muito ilustre. Perguntou-lhe então o delfim se conhecia o Pireu. Cuidando tratar-se de um homem, o macaco disse que não somente o conhecia, mas até se dava muito bem com ele. Indignadíssimo com tamanha mentira, o delfim submergiu e fê-lo morrer.

Moralidade: Dirige-se esta fábula aos homens que, desprezando a verdade, pensam enganar os outros.

## **OS LOBOS E OS CORDEIROS**

No tempo em que os animais tinham todos a mesma língua, os lobos guerreavam os cordeiros, sendo repelidos pelos cães, que a estes se aliaram. Mandaram, então, um embaixador aos cordeiros, com o seguinte ultimato: “Se quiserdes viver em paz e não reçar nenhuma guerra, entregai-nos os cães.” Caíram os cordeiros estupidamente na armadilha, e entregaram seus defensores. Tendo-os estraçalhado, os lobos facilmente deram cabo do rebanho.

## **O LOBO E O GROU**

Certa vez, um lobo, tendo-se engasgado com um osso, prometeu ao grou uma recompensa se, introduzindo-lhe a cabeça na garganta o retirasse. O grou, após haver tirado o osso, pediu a recompensa. Rindo e rangendo os dentes, o lobo lhe respondeu:

— Em vez de esperares recompensa, contenta-se de haveres retirado a cabeça sã e salva da boca e dos dentes do lobo, sem nada ter-te acontecido.

Moralidade: Dirige-se a fábula aos homens manhosos que, salvos de algum perigo, oferecem a seus benfeitores, como prova de gratidão, apenas o não lhes terem feito mal algum.

## **O LENHADOR E HERMES**

Um homem que cortava lenha ao longo de um rio perdeu o seu machado. Sem saber que fazer, sentou-se à margem do rio a lamentar-se. Ciente da razão de suas queixas, Hermes apiedou-se dele e, mergulhando nas águas, veio à tona com um machado de ouro e perguntou-lhe se era o mesmo que perdera. Como o lenhador lhe respondesse que não, mergulhou outra vez e reapareceu com um machado de prata. Disse o homem, porém, que esse machado também não era seu. Então Hermes mergulhou terceira vez e voltou com o machado do lenhador. Este afirmou que aquele era realmente o seu machado. Hermes, para lhe recompensar o sentimento de justiça, deu-lhe de presente os três machados.

Depois de se reunir a seus companheiros, o lenhador contou-lhes o corrido. Um deles, desejoso de ter a mesma sorte, foi à beira do rio, de propósito deixou cair o seu machado na corrente e sentou-se a chorar. A ele também apareceu Hermes e informou-se da causa de suas lágrimas. Em seguida, imergindo na água como dantes, trouxe-lhe dali um machado de ouro e perguntou se era aquele que deixara cair. O homem respondeu com alvoroço:

— Sim, é esse mesmo!

Revoltado com semelhante imprudência, o deus não apenas guardou o machado de ouro, mas não devolveu ao lenhador o seu próprio machado.

Moralidade: Mostra o presente conto que a divindade recusa aos injustos o que concede aos justos.